

Quando Chegar a Primavera (*)

MASUD KHAN

Nada havia de invulgar na minha visita a D. W. Winnicott nesta manhã de domingo, pelas 10 horas, em Novembro de 1969. Após o meu passeio a cavalo dirigia-me directamente para casa de DWW todas as manhãs de domingo, desde há dois anos, ali permanecendo duas horas ou mais, conforme aquilo que de mim queria. Nunca fiquei para almoçar. A saúde e o vigor físico de DWW tinham enfraquecido muito nestes anos. Era seu desejo que eu o ajudasse a que o seu livro «Playing and Reality» ficasse escrito e pronto a ser publicado. Era para mim um prazer ajudar DWW. Ele entregava-me textos batidos à máquina ou histórias clínicas e trabalhávamos este material até que ficasse com a dimensão e a forma próprias para publicação. Era nestes encontros

que mais aprendia com DWW. Ele falava livremente e sobre vários assuntos, dificilmente se cingindo por muito tempo ao texto escrito. Frequentemente caía num silêncio sonolento, quase ressonando. Estes momentos permitiam-me ler o texto escrito ou repensar no que me tinha dito. Em breve se recompunha e começava outra vez a falar. O mais engraçado é que, por vezes ao emergir para o estado consciente, DWW censurava-me carinhosamente: «Sabe, Khan, [tratava-me sempre pelo apelido] quase sonhei. Mas não consegui porque a sua presença aqui se interpôs no caminho do sonho». Eu ouvia DWW com um estado de espírito indulgente, provocava-o e prossequíamos com o trabalho. DWW trabalhava sobre os seus textos como uma criança

(*) Quando convidei Masud Khan a juntar-se a nós neste ciclo de conferências em comemoração dos 25 anos de vida activa do ISPA, a resposta foi imediatamente positiva.

Enviou-me duas propostas, e sugeri-lhe que falasse do «Caso Veronique». Infelizmente, o seu estado de saúde agravou-se, e ele não pôde estar presente, tendo a sua conferência sido lida na sua ausência.

Esta conferência, que foi apresentada pela primeira vez no ISPA, veio a ser publicada um ano depois no último livro de Khan, «*When Spring Comes*», cujo subtítulo é paradigmático: «*Awakenings in clinical Psychoanalysis*», (M. Khan: «*When Springs Comes — Awakenings in Clinical Psychoanalysis*»).

A publicação de «Quando chegar a Primavera» honra-nos e dá-nos prazer. Mas para além da honra e do prazer, gostaríamos que Khan visse nesta publicação em língua portuguesa uma pequeníssima homenagem e a expressão de uma profunda solidariedade e respeito em relação aos contributos fundamentais para a Clínica e para a Teoria Psicanalítica, não na perspectiva de ensinar, mas naquela muito mais difícil, e radicalmente autêntica, de partilhar. Aliás, não será verdade que só na perspectiva da partilha de espaços, cenas, posturas, pensamentos, objectos tem a publicação dos últimos trabalhos de Khan sentido?... (F. P.)

como uma criança ebuliente, instável, de nove anos. Frequentemente dizia em ar de desafio: «Tudo me aconteceu quando eu tinha nove anos. Nunca envelheci em espírito ou estilo desde aí». Aquilo que todos nós, os que trabalhávamos intimamente com DWW nos últimos anos da sua vida, mais nele apreciávamos era a sua irrepreensível frescura de pensamento criativo e de capacidade clínica. Ainda continuava a ver doentes, embora apenas para pareceres, crianças e adultos. A maioria destes eram psicanalistas de todo o mundo, com reputações firmadas, que procuravam o auxílio de DWW, que conheciam por terem lido os seus escritos. Todos tinham efectuado longas análises pessoais por uma de duas razões: ou por treino ou por sofrimento. DWW discutia apenas os casos que eu podia auxiliar a escrever, ou em narrativa clínica ou por forma a que ele os pudesse organizar em pensamento. Que eu saiba, DWW nunca escreveu aquilo que se pudesse classificar de escrito puramente teórico. Começava sempre com um trabalho clínico recente e, a partir daí, partia a «teorizar». A razão para a ausência ou escassez de material clínico nos seus escritos como, por exemplo, no «The use of an object» (1969), reside no cuidado de DWW em manter o anonimato dos seus clientes, mesmo de crianças de cinco anos, e não citar o material clínico que o levava a uma *noção* teórica específica. Nunca o incitei a incluir dados clínicos, pois eu sabia que isso o perturbaria de tal forma que se fecharia em si próprio e deixaria de escrever.

Esta manhã encontrei DWW em estado de excitação. Mal tinha acabado de tirar a capa de montar e de me sentar para tomar uma chávena de chá que ele próprio preparava, no pequeno gabinete da secretária onde sempre trabalhávamos em conjunto e onde podíamos manter a nossa privacidade, quase pressenti que DWW me ia fazer algum pedido inesperado. Dar-me uma nova tarefa! Pouco foi dito especificamente entre nós. Conheciamo-nos desde há duas décadas, tra-

balhando em grande proximidade, mantendo ao mesmo tempo, as nossas distâncias. Nunca fiz parte da sua vida familiar ou social, nem ele da minha.

DWW sentou-se, voltou-se e «encaixou» a face entre as mãos, como era seu estilo e começou com: «Sabe, Khan, vi esta jovem, Veronique, na consulta de ontem. Tem treze anos. Recusa-se a comer ou a ir à escola porque, diz, tornou-se «ridiculamente magra» (é a frase dela, Khan). Disse ao médico dela e aos pais, que eu não podia *tratar* a filha mas que a observaria em consulta e a ajudaria a encontrar *o tipo de auxílio certo*». Eu notara a utilização, por DWW, da frase «o tipo de auxílio certo» em vez de «tratamento». Sempre escrevinhava «apontamentos» quando tínhamos estas conversas; DWW não as levava muito a sério pois que era a sua forma de descarregar o seu *carregamento de pensamentos*, como eu lhe chamava. Este «partilhar» de experiências clínicas era bastante teórico por parte de DWW. Prosseguiu: «Veronique é uma rapariga *muito* [deu grande ênfase a esta palavra] intelectual. Fala inglês e francês fluentemente». Interpuz: «Com esse nome, DWW, ela é de qualquer forma francesa, não?». «Sim, a mãe é francesa, mas isso não é importante». Sorri e deixei-o prosseguir: «Bom, eu não sabia, porque não mo disseram, que ela me procurava vinda de uma Clínica particular. Há dois meses que está lá internada por recusa em alimentar-se e em ir à escola». Notei, novamente, que DWW evitava o recurso ao calão psiquiátrico ou médico. Prosseguiu: «É bastante bonita. Monta a cavalo. Isso vai torná-los amigos, Khan». Sabia, agora, que DWW *decidira* que eu devia cuidar da rapariga. Continuei a ouvir: «Sabe, ela não está *verdadeiramente* doente. Ela não está *verdadeiramente* a recusar nada: alimentação, estudos ou sexo. Podia, com facilidade, ter descoberto durante a consulta o que ela estava a recusar e porquê, mas decidi não o fazer e deixá-lo descobrir isso com o auxílio dela. Sim, vai

gostar dela, Khan. É uma aristocrata. Uma filha única. O pai adora-a. A mãe tem muito orgulho nas suas realizações como estudante e como promissora cavaleira. Quase a sua infância, Khan. Sim, Khan, a única ambição de Veronique é treinar para representar a Grã-Bretanha nos Jogos Olímpicos». [Como você DWW, devia ter representado a Grã-Bretanha em 1914, mas a primeira Guerra Mundial impediu-o]. «Pensei, pois, imediatamente em si», prosseguiu. «Claro que há alguns jovens analistas, com qualificações médicas, que seriam talvez mais apropriados para *conduzir* a situação dela. Mas ela fala, quando se descontrai, em inglês e francês, indiferentemente, como é seu hábito em casa; fala de cavalos e de concursos de saltos com um zelo *voraz* [notei que DWW usara o adjectivo 'voraz']; e, com os diabos, ela é uma intelectual. A propósito, quem é essa Simone de Beauvoir, em Paris? Escreveu bastante sobre as mulheres e o sexo. Como você lê tudo, certamente também leu a obra dela». Deixei passar a piada de DWW. Sabia que ele estava enervado por duas razões: a rapariga era uma proposta profissional invulgar e ele não estava certo de que eu a recebesse. A Clínica particular era a umas vinte milhas de Londres e eu teria que lá me deslocar. DWW prosseguiu, após um curto «desaparecimento» em si próprio: «Ah sim, Khan, eu prometi que lhes telefonaria hoje, para a Clínica, para lhes dizer o que você decidiu. Posso dizer-lhes que já falámos sobre o assunto e que você vai lá e a ver, por volta da hora do almoço? No seu carro pode, facilmente, chegar lá em menos de uma hora, especialmente num domingo. Clinicamente, o importante é ver a Veronique *quando* ela recusa a alimentação». «Quer dizer, DWW, *como* é que ela o faz?». «Sim! Sim!! Mas, por amor de Deus, Khan, não seja demasiado esperto com a Veronique, ou nunca descobrirá o que a *leva* a não comer ou a não ir à escola». «Como queira, DWW». Só com esta minha concordância

DWW pegou no telefone e combinou que eu visitaria Veronique nesse mesmo dia, por volta da hora do almoço. Pouco passava das 11 horas. DWW acompanhou-me ao carro. Como despedida disse-me, com a sua habitual ironia: «Oh Khan, vá vestido assim mesmo. As suas botas de montar e o pingalim farão com que Veronique tenha mais confiança em si do que tudo aquilo que possa dizer. Boa sorte, Khan». E assim parti para me encontrar com Veronique.

Conduzia de forma a chegar à Clínica à hora do almoço. Todo o ambiente tinha uma atmosfera agradável. O edifício era de um estilo rústico, victoriano, com relvados cuidados e canteiros de flores por todo o lado. No início do caminho estreito reparara num cartaz que dizia: *Por favor conduza devagar — Cavalos e cavaleiros*. A mãe, ou o médico, escolhera um lugar agradável para Veronique; sabia que não tinha sido escolhido por Winnicott. Fui recebido pelo dono/director, um escocês afável de cabelo grisalho. Pediu a uma senhora, rotunda, com os seus quarenta anos, que me levasse junto de Veronique. Era bastante faladora. «É uma rapariga tão encantadora. Dá-se bem com todos. Se aquela velha querida comesse». Não pude deixar de sorrir com a incongruência de chamar a Veronique «velha querida». Como não perguntara como me devia apresentar, não lhe disse o meu nome. Dirigiu-se de imediato a Veronique, que estava sentada a ler, no que me parecia ser uma sala de estar muito espaçosa. Veronique levantou-se. Era muito magra, alta, ruiva, com olhos verdes suaves e uma face pálida, muito pálida. Apresentei-me: «Sou Masud Khan». «Eu sei, Sir. [replicou com voz fria]. O Dr. Winnicott falou-me de si». Começou a andar na direcção da porta. Virando-se para mim, disse com um sorriso apagado: «Escolhi um quarto no segundo andar. A comida é servida no meu quarto. Não como com os outros visitantes». Tentando marcar a minha presença disse, como que por acaso:

«Ah, *não come* apenas consigo própria». Olhou para mim com ar intrigado. Passámos por outros «visitantes» de diversas idades. Sentia-me estranho com as botas, os calções de montar e um *sweater* branco de gola alta. Subir as escadas tirara o fôlego a Veronique. Ao entrarmos no seu quarto, os meus olhos captaram a presença de um pingalim de senhora. Tinha um punho de prata. O quarto estava recheado de mobiliário em cores pastel. Nada cheio. «Gosto disto aqui. [disse Veronique]. Em casa ocupo o sótão. Gosto de olhar para os relvados». Entrou uma mulher jovem que perguntou a Veronique se queria que lhe servisse de imediato o almoço. «Sim, por favor», disse quase que com entusiasmo. Comecei a pensar se não teria já recuperado a sua capacidade de comer. Com a refeição veio uma médica jovem. A criada dispôs a refeição na mesa. A médica dirigiu-se-me: «É o dr. Khan?». «Por favor, doutor não. Só Khan. Não sou médico». Teve uma apagada exclamação ininteligível, deslocou-se para perto de Veronique e destapou a travessa. Pausa. «Vai comer o seu almoço?». «Não, obrigada», respondeu Veronique, educada mas firmemente. A médica tapou a travessa e deslizou para fora do quarto, para regressar acompanhada por um médico de meia idade. Ao aproximarem-se da porta podíamos ouvi-la dizer: «Não, só tomou meia chávena de chá ao pequeno almoço». O médico dirigiu-se a Veronique dizendo-me «Olá» quando passou por mim. Destapou a travessa. «Coma um pouco, Veronique. O que é que gostaria de comer?», perguntou apontando os diversos alimentos. «Nada, muito obrigada». «Sabe que a sua mãe vai ficar muito perturbada quando chegar esta tarde e souber que tornou a não comer?». «Pode ser que coma um bocado com o Papá à hora do chá. O Papá vem, não vem?». «Sim, vem», respondeu o médico bastante bruscamente.

Mais umas insistências e recusas após o que ambos os médicos se retiraram. A criada veio levantar a mesa. Veronique disse-lhe:

«Espere um pouco, por favor». Olhando-me, perguntou: «Quer comer alguma coisa, Sir?». «Não, obrigado Veronique. Comi no caminho. Gostaria de uma chávena de chá. Aqui ou no jardim? Está bastante ventoso lá fora, por isso, *vamos* tomá-lo aqui». Deliberadamente dissera «*vamos*». Veronique disse à criada: «Um bule de chá, leite, açúcar e duas chávenas, por favor». Sentei-me na única cadeira confortável da sala e perguntei: «Importa-se que eu fume cachimbo, Veronique?». «De forma nenhuma, Sir. O Papá está sempre a fumar cachimbo, e, a mamã fuma cigarros franceses uns atrás dos outros». Eu observava veladamente Veronique. A criada voltou com a bandeja do chá, que colocou na mesa. «É tudo por agora. Tornaremos a chamá-la. Obrigada». Tratou a criada pelo nome, mas esqueci-me dele. Veronique tirou a minha chávena da bandeja, colocou-a na mesa, deitou-lhe leite e depois perguntou-me: «Quer o seu chá fraco ou forte?». «Forte e com quatro cubos de açúcar, por favor». Veronique sorriu deliciosamente, deitou o chá e passou-me a chávena. Notei que afastara a cadeira da mesa e que se sentara. Não ia, pois, tomar nenhum chá. Não lhe ia falar no assunto. Seguiu-se um silêncio estranho. Então, Veronique perguntou: «Vai fazer-me muitas perguntas?». «Não, de forma nenhuma Veronique. Vim cá, para que nos pudessemos conhecer. Partirei cedo, pois vou tomar chá com uns amigos às quatro horas». «E claro, a sua mulher deve estar à sua espera. É pena ter vindo aqui à hora do almoço». «Não! Não foi maçada nenhuma, Veronique. A minha mulher está em Paris e volta hoje à noite». Outro silêncio vazio. O pingalim captou outra vez a minha atenção. «Não pode andar a cavalo no seu estado actual». «Não, não mo permitem. O Dr. X diz que estou demasiado fraca». Nervosamente fez uma pausa. «Quando pensa que volta a comer?». «Quando chegar a Primavera! Ainda está longe. Tenho sempre mais apetite na Primavera», acrescentou ela. «Nunca me alimentei

bem no Inverno. Só que desta vez foi pior». Eu deixara Veronique conduzir a conversa como lhe apetecera. Disse-me que quase se tinha afogado, quando o seu *gasolina* se voltara na Sardenha, durante as férias. Acontecera apenas há escassos meses, no princípio de Setembro. «O Papá quase desmaiou quando me trouxe para casa. A mamã estava furiosa quando me viu tão confortavelmente embrulhada e a conversar com o pessoal que me tirou de lá». Veronique falava cripticamente. Deixou cair o assunto e caminhou para a janela. Virou-se: «Tem a certeza, Sir, que não quer fazer quaisquer perguntas?». «Sim, estou certo Veronique». «Mais chá?». «Não, obrigado». Reparara no esboço, em aguarela, de uma cabeça de homem, ligeiramente inclinada. Levantei-me e endireitei-a. «Oh, fui eu que fiz esse desenho do Papá, no Verão passado, na Sardenha. Disse-lhe que quase me afogara ali em Setembro passado. O Papá ainda não recuperou. Terá pena que não fique para o chá. O Papá conhece-o. A mamã conheceu a Mme. Beriozova dançar a Giselle. Fomos aos camarins. Vi-o lá». Era verdade que conhecera o pai. Era uma figura importante dos círculos políticos. Pensei para mim mesmo: certamente o DWW devia saber que, de uma forma ou doutra, *toda* a família me conhecera de uma forma ou doutra. Retivera aquela «informação», talvez receando que eu recusasse ver Veronique. De facto, ao regressar a casa, descobri que DWW desconhecia tudo isto e muitas outras coisas. Veronique falou com prazer, sem vergonhas, sobre várias coisas. Da escola. Tinha saudades das aulas de grego. E das aulas de equitação. «Aqui só posso pintar. O Dr. X (o dono/director) não aprova muita leitura durante o dia. Gosta que passeemos pelo jardim. Que joguemos croquet. Ele próprio é muito bom nesse jogo. Ainda cá não o joguei. Sinto-me fraca, mesmo após um pequenino exercício. De momento estou muito fraca». Pergunto-lhe de repente: «Certamente que, até ao momento, não desmaiou? É uma jovem bas-

tante determinada para permitir que tal suceda». «Não. Não desmaiei até ao momento. Muitas vezes quase que desmaiei. Até os homens valentes desmaiam. O Papá quase desmaiou quando me viu na maca. E foi condecorado com a D. S. O., como oficial de comando, na última guerra». «Sim, o seu pai é uma pessoa invulgar. Ainda se dedica ao *steeplechasing*?» «Não, já não. Teve um ligeiro ataque de coração no último Verão. Em Junho, para ser mais precisa. Essa foi a razão pela qual eu estava a nadar só com duas amigas da escola quando o barco se virou. Sou muito má nadadora. O Papá sempre fôra comigo». «Não é uma coisa bastante excessiva para se fazer, Veronique, só por uma falta de companhia?». Veronique olhou atentamente para mim. Levantou-se para ir buscar qualquer coisa. Eu levantei-me também. «Vai-se embora?». «Sim, Veronique». «Voltará?». «Não posso dizer-lhe. Dependerá do Dr. Winnicott. Devo falar com ele hoje, mas já é tarde. Deverei telefonar para si amanhã».

A Veronique acompanhou-me em silêncio até ao carro. Agradei ao Dr. X, que encontrei à saída. Ao entrar no carro, a Veronique perguntou-me: «Quanto tempo julga que me vão manter aqui?». «Até à Primavera, calculo eu, Veronique». E parti. Podia ver a sua figura frágil, alta, envolvida num vestido verde claro, agitado pelo vento, de pé, parada. Ao virar para o caminho, Veronique desapareceu no retrovisor. Todo o encontro tinha um ar estranho, frágil, triste. À volta toda a paisagem estava prisioneira das cores ocres do Inverno.

Decido não pensar mais na Veronique até falar mais tarde com DWW.

Tinha sido um dia agradavelmente cheio de acontecimentos que não tinham apresentado quaisquer problemas especiais. A Veronique tinha sido o mais acomodativa possível comigo e, de igual modo, eu não fôra insistente com ela. Sublinhara algumas observações para mim próprio e chegara

apenas a duas «conclusões». Comecei a sentir-me nervoso à medida que se aproximava o momento de visitar DWW e relatar-lhe a minha visita à clínica e o meu encontro com Veronique. Se bem que nunca mo dissesse pessoalmente eu sabia, por outros, quanto DWW esperava por mim. Ele era, em muitos aspectos, a menos exigente das pessoas o que tornava as suas exigências, não verbalizadas e não explícitas, altamente cobradoras. Era inútil preparar os nossos *textos* para DWW já que ele tinha o condão de nos desarmar com alguma pergunta ingénua, quase idiota. Por isso decidi chegar *chez* DWW sem ter ensaiado. Eram 19 horas. A porta foi aberta pela sua irmã. Nada de alarmante nisso. Mrs. Winnicott nunca me abria a porta. Disseram-me: «Faça o favor de subir. O Donald está à sua espera». DWW recebia-me «lá em cima» (como nós dizíamos) apenas quando estava «indisposto»: o nosso eufemismo por um ataque de angina do coração, que o incapacitara por vários dias. A porta do seu quarto estava aberta. DWW estava deitado na cama, confortavelmente enrolado na roupa e com o fogão de gás sibilando, quente. Sorri-me discretamente e disse: «Então regressou em segurança, Khan». Agora tinha a certeza de que ainda sofria dores consideráveis. Não liguei ao que me disse. «Sente-se. Sirva-se do Whisky». «Só se tiver de puro malte!». «Sim, há algum na garrafa de trás». Servi-me de uma quantidade generosa. Estava agora ainda mais nervoso. Quaisquer sinais de perda de força por parte de DWW deixavam-me muito ansioso. Ele tentava sempre escondê-lo de mim e concluí que o conseguira. Tratava-se de um estúpido jogo britânico que ele jogava melhor do que eu. Nascera e criara-se nesse jogo. Eu não. Comecei com a observação mais desabrida do meu encontro. «Veronique [disse a DWW] servia o chá como um experiente mordomo irlandês». «Porquê irlandês, Khan?». «Tem um sentido muito seco de humor». «Eu notei isso, Khan. Fico contente por ter

notado também». Não fôra minha intenção começar assim o relato. Decidira, de modo bastante infantil, assustar DWW. Anunciei com alguma pompa: «Tinha toda a razão, DWW. A Veronique não está a recusar nada. Não está doente, de forma alguma. Então de que sofre? Bem, DWW, creio que ela está a guardar uma queixa não formulada contra a mãe. O seu olhar de alma cândida, mascara um ódio vingativo. A primeira vítima é a própria Veronique. Por isso nada houve que lhe pudesse oferecer». DWW sentou-se contra as almofadas. «Sim, eu não pensei que pudesse ou fizesse. Obrigado por não lho ter dito. Falou muito com ela?». «Não, DWW». «E ela?». «Um bocado, mas de forma muito afável». DWW pensou e disse um tanto distantemente: «O pai de Veronique telefonou-me há pouco. Teve pena que não ficasse para o chá. Vocês conhecem-se, Khan?». «Sim DWW, conhecemo-nos». «Sirva-se de mais, Khan». Eu fi-lo. «O que sugere que os pais devem fazer?». «A propósito dos pais, não sei. Mas sei o que o pai devia fazer». «Sim?», perguntou DWW. «O pai deveria levá-la para a Sardenha, sózinha com ele. A mulher tem o suficiente que a ocupe em Londres e Paris para que não notasse muito a falta de Veronique». «E o trabalho político do pai?». «Não creio que o espere um trabalho muito pesado durante este Inverno. Será um Verão frio, na Sardenha. A Veronique pode andar a cavalo e estudar grego com o pai. Não precisará de se afogar para chamar a atenção sobre si mesma». «Oh! Ela falou-lhe nisso? A mãe diz que ela odeia falar nisso». «O que eu penso, DWW, é que a mãe é que se sente culpada e desconfortável com o assunto». «Desculpe-me Khan, sinto-me um pouco cansado agora. Poderia ver a Veronique amanhã? O pai irá lá ao almoço. A mãe preside à inauguração de uma festa qualquer na aldeia deles. Por isso vocês os três podem decidir, de modo pacífico e positivo, o rumo a tomar». DWW chamou a irmã. Quando ela chegou, disse: «Khan vai sair agora. Por

favor telefona para a Clínica e diz-lhes que irá almoçar com a Veronique e com o pai». A velha raposa premeditara tudo. Quando saía, DWW disse: «Khan, não se esquece de como tratar a mãe de Veronique? Sim, Sua Senhoria, ou ela vai voltar para se vingar». «Como quiser DWW. A propósito, o meu telefone ficará desimpedido para o caso de precisar de me telefonar». «Para quê, Khan?». «Oh, por preocupação e interesse DWW», disse eu com uma aspereza calculada. Tais trocas de palavras eram perguntas entre nós.

O almoço com Veronique e o pai correu sobre esferas. Ela telefonara de manhã para perguntar o que eu gostaria para o almoço e a minha secretária dissera-lhe que geralmente comia uma refeição muito ligeira: peixe, um copo ou dois de vinho branco gelado, se possível seco. Cheguei pontualmente. O pai chegara uma hora, mais ou menos, antes de mim. Não havia necessidade de apresentações pois que já nos conhecíamos. Veronique pedira que o almoço fosse servido, numa mesa maior, no seu quarto; este era suficientemente espaçoso para esse fim. Novamente era notório que Veronique não só estava habituada a receber em grande estilo, como gostava de o fazer. Em primeiro lugar fiquei surpreendido que uma Clínica em Inglaterra pudesse servir salmão fumado e champagne; claro que do Fortnum and Mason, adiantei eu para a picar. «Sim, sei», e saltara alegremente para dar um sonoro beijo na testa do pai, exclamando: «Querido, querido Papá. Tem estado tão preocupado». Fiquei satisfeito por ter optado por não querer a presença de Sua Senhoria. Quatro pessoas não podiam almoçar tranquilamente no quarto de Veronique. Notei ainda:

1. Que o Papá dera a Veronique um copo de *champagne*;
2. Que não podia ser aquela a primeira vez que os dois patifes recebiam um convidado na ausência de Sua Senhoria;

3. O Papá não fizera qualquer comentário por Veronique não ter comido nem um bocadinho da finíssima fatia de salmão fumado que tinha no prato. Só lhe dera essa fatia e nada mais. Mas Veronique bebera a sua única taça de *champagne* e comido um pouco de Camembert em meia bolacha;
4. Veronique e o Papá estavam também bastante habituados a tomarem decisões por si, isto é, entre ambos, sem consultarem Sua Senhoria.

Mal nos sentámos à mesa eu dissera, casualmente, ao Papá qual fôra a recomendação do Dr. Winnicott; ou seja que o Papá devia levar Veronique para a sua propriedade na Sardenha durante os meses de Inverno. O Papá não pareceu ter ficado surpreendido, de forma alguma, embora tivesse soerguido ligeiramente as sobancelhas. Calmamente corrigiu-me dizendo: «A propriedade na Sardenha não é minha. Comprei-a para o meu segundo filho. Nos últimos quatro verões fomos para lá porque a Veronique gosta muito de lá estar e sente-se mais à vontade que em Cap Ferrat, onde temos uma casa encantadora que dei a Veronique. Claro, depois da minha morte, a mansão e a quinta que aqui tenho irá para o meu filho mais velho. Tenho dois filhos da minha primeira mulher, de quem me divorciei há uns quinze anos». Riu um pouco e acrescentou: «Foi há tanto tempo que já não consigo recordar». Veronique brincando meteu-se na conversa: «Um momento Papá, eu não sou assim tão velha. Ainda». Ele acariciou-lhe afectuosamente os cabelos e disse: «Ela é a única filha do segundo casamento e a única que me faz companhia a andar a cavalo todos os fins de semana». Fez uma pausa e acrescentou: «As crianças dão-se muito bem umas com as outras. Ambos os meus filhos estão casados. Só o meu segundo filho é que não se dá bem com a mãe de Veronique». Aqui, Veronique interrompeu bruscamente: «E a Mamã dá-lhe alguma oportunidade?». Virou-se para

mim e disse de forma determinada: «Por três vezes a Mamã arranjou alguma desculpa de último momento para cancelar a ida à Sardenha. A verdadeira razão é que ela conhece muita gente na região de Cap Ferrat e quase ninguém nas imediações da nossa propriedade. Ela foi a resmungar no Verão passado e foi um desastre». O Papá parecia extremamente embaraçado. Fui em seu auxílio dizendo: «Então Veronique, assim embaraças o Papá. Estou certo de que não o desajas fazer». «Não. [Disse ela arrefecendo] A razão porque disse isto, é porque se o Papá concordar em que eu vá com o meu irmão para a Sardenha até ao fim do próximo Verão, não será necessário que o Papá fique comigo todo esse tempo. Tem coisas muito importantes a fazer em Londres. Dou-me esplendidamente com o meu irmão. Brincamos e falamos em italiano. Prefiro o italiano ao francês». Notei essa preferência. «O Dr. Winnicott disse-me ao telefone o que você lhe sugerira e eu disse ao Papá que não precisarei dele. De qualquer forma não nadarei nem andarei no *gasolina* nos meses de Inverno. Mas gostaria que o Papá me levasse à Sardenha para que a Mamã não pense que a estou a desafiar. Telefonei para a escola, à nossa directora, e ela concordou em que estivesse ausente por mais dois períodos. Só que pede um certificado psiquiátrico». «O Dr. Winnicott terá o maior prazer em lho passar», disse eu. Cá por dentro espumava contra DWW por ele ter dado mais um passo sem mo dizer.

Durante este espaço de tempo, enquanto Veronique falara bastante depressa, o Papá olhava e ouvia de uma forma indulgente e amorosa. Assim, tudo se combinou: Veronique ficaria mais duas semanas na Clínica, passaria o Natal com a família em Inglaterra e partiria com o Papá para a Sardenha no Ano Novo. Quando me despedia de Veronique e do Papá, aquela disse: «O Dr. Winnicott vê a Mamã na sexta-feira». Eu disse muito secamente: «Isso é bom *para ambos*. Poupa-me uma data de explicações».

Não pensei que houvesse para mim qualquer urgência em encontrar DWW para discutir o caso de Veronique. Telefonei-lhe quando terminei as consultas da tarde. Parecia cansado ao telefone. Disse-lhe rapidamente que tudo corria a contento de todos. Disse-me, bastante laconicamente: «Sim, Khan! Obrigado por quase nunca me abandonar. Boa noite». Isto era um grande elogio da parte de DWW. De repente dei-me conta de quanto também estava cansado. A Veronique fôra mais exigente do que eu esperava. De qualquer forma entreguei-me à rotina da semana profissional. Quando efectuei a minha visita semanal a DWW, no domingo seguinte, encontrei-o estranhamente exausto e inquieto. Fez-me uma chávena de chá. Notei que não tinha pressa em falar de Veronique. Mexeu em vários papéis. Não era capaz de decidir o que queria fazer. Esperei. Deitou algumas folhas ao chão. Numa delas havia um «desenho» feito por uma criança. «Não se preocupe com isso. Não resultou. Não fui eu próprio esta semana, Khan. Estou mesmo a envelhecer!». Pensei para comigo que ele tinha 70 anos. Tivera três graves ataques de coração nos últimos vinte anos. De facto era incrível como DWW ainda funcionava. Esperei. Senti que ele estava zangado a propósito de qualquer coisa. «Bem, Khan, ela levou-o à certa. Sua Senhoria telefonou-me há uma hora para me dizer que a irmã adoeceu gravemente, em Paris, durante a semana. Bom, ela vai buscar a Veronique à Clínica, por volta do meio dia, e depois, tomará um avião para ir ter com a irmã. O pai não as pode acompanhar. Isso complica tudo, sem dúvida. De qualquer forma, Khan, espero que a experiência tenha valido o esforço». DWW fez uma pausa e brusca-mente mudou de assunto: «De que forma supõe que Sua Senhoria vai prejudicar Veronique, Khan?». Deixei DWW expôr as suas próprias ideias. «Aquele acidente do afogamento. A mãe nunca o mencionou. A filha só fala disso. Espero que ela não

afogue a filha». «Não tem que se preocupar, DWW. A Veronique não é assim tão frágil, nem tão vulnerável». «Mas ela pode ferir o marido e isso seria muito mau para a Veronique. Diga-me mais coisas. Afinal você passou umas horas com Veronique no domingo e na segunda». Disse ao DWW que, de forma muito deliberada, não só me abstera de recolher as intrigas familiares, como não deixara Veronique mencioná-las. Tanto quanto eu podia dizer, havia três grupos. O primeiro era Veronique, o Papá e os meios-irmãos (com as esposas). O segundo era apenas Veronique e o Papá. Era o terceiro grupo que estava a rebentar pelas costuras. Fiz uma pausa. «Prossiga, Khan. Ajuda fantasiar na presença de outro. Só é árido quando se faz sózinho». Prossegui: «Sua Senhoria é uns vinte anos mais nova que o Papá. É uma parisiense ambiciosa. Primorosamente educada, desejava estar no teatro como a sua bem sucedida irmã mais velha. Falhou. O seu único sucesso foi casar-se com o Papá. E não o perderá. Mudou de país para bem dele. Tem-no ajudado, de verdade, na vida política. Dirige uma casa de campo muito *à la mode*. Mas Veronique foi-se introduzindo sem que Sua Senhoria notasse. DWW, eu fiquei impressionado com o que Veronique sabia da vida diária do pai. Até age como secretária dele em dados momentos. Ao contrário de Sua Senhoria, fala fluentemente italiano e também anda a cavalo com o pai todos os domingos. É então que falam sobre tudo. É esta «intimidade» entre Veronique e o pai que começa a afectar Sua Senhoria. Pelo menos é como eu vejo a situação, DWW». «Prossiga, Khan. Estou a ouvir». «Para agravar ainda mais a situação, Veronique decidiu que irá estudar línguas. Sua Senhoria esperava que ela seguisse a carreira da tia. Por outras palavras, fazer e realizar o que Sua Senhoria não conseguiu fazer. Em vez disso, segue as pisadas do Papá: clássicos, depois línguas modernas e história. Veronique tem todos os caminhos abertos.

DWW espreitava-me através das fendas que os dedos das suas mãos formavam, colocadas sobre a face. «Interessante! Faz sentido. Bom trabalho, Khan. Apesar disso é pena que Sua Senhoria lho tivesse estragado». «Não para mim, DWW, para si. Se Veronique procurar ou necessitar de terapia, não vou ficar com ela. Sou mais valioso para ela como um conhecido interessado do que como terapeuta. De qualquer forma sabe perfeitamente, DWW, que desde a sua consulta que criou em Veronique uma esperança e uma confiança tais que mais ninguém pode ser seu terapeuta. Tenhamos esperança de que ela não tenha necessidade de terapia. E como é que o vai recusar quando ela o procurar? Já disse à Veronique e ao Papá que a estou a seguir porque você, neste momento, não está suficientemente bem para receber um novo doente. Mas que terá tudo pronto para quando ela voltar da Sardenha no Outono de 1970. Não creio que esse plano se tenha afundado, DWW. Veronique irá para a Sardenha e conseguirá que o Papá e você façam todas as negociações com Sua Senhoria. Porque é nisso que tudo se resume. A propósito, a irmã não está tão doente como Sua Senhoria disse. Adoeceu na penúltima semana e já está a pé e a circular». «Como sabe isso, Khan?». «Vinha no *Le Monde* de sábado. A irmã de Sua Senhoria é uma directora de teatro *d'avant-garde*, muito conhecida em Paris e Nice. A minha mulher conhece-a. Como vê, DWW, eu fico melhor fora das suas estratégias terapêuticas para a Veronique». Ainda falávamos quando o telefone tocou. Era Veronique, de Paris. DWW compreendera tudo mal. Sua Senhoria telefonara-lhe de Heathrow, depois de ter ido buscar Veronique à Clínica. DWW estava furioso. Perguntou a Veronique quando regressava a Inglaterra. Ela disse-lhe que iria directamente para a Sardenha dentro de dois ou três dias. Assim que o Papá pudesse ir a Paris para a levar para a Sardenha. Deixei

DWW sózinho na sala para falar com Veronique. Depois perguntei-lhe porque estava tão furioso. «Tudo correu como todos desejavam, excepto para Sua Senhoria» disse-me DWW, bruscamente. «Cada um deles é mais onnipotente que o outro. Metem-se sem respeito. Veronique não quer voltar a Inglaterra. Sabe isso, Khan?». «Sim, DWW, ela irá para Roma. O sogro do irmão da Sardenha é professor de línguas clássicas na Universidade de Roma. O problema agora é o que irá o Dr. Winnicott arranjar para Sua Senhoria? Ela vai-lhe aparecer à porta furiosa e a uivar, DWW». Fiz uma pausa, peguei nalgumas provas que estavam na secretária e comecei a lê-las. Não tornámos a falar mais de Veronique nessa manhã de domingo.

Quatro dias depois, na 5ª feira, DWW telefonou-me às 21 horas e pediu-me que fosse ter com ele. Precisava de falar urgentemente de qualquer coisa. Acrescentou: «Khan, está a chover muito. Se o seu carro estiver na garagem posso muito bem ir buscá-lo no meu». Disse-lhe que o meu carro estava à porta e que dentro de 5 minutos estaria com ele. DWW morava quase do outro lado da esquina. À chegada levou-me para a «prisão», como chamávamos entre nós à sala da secretária, no rés-do-chão. Como sempre, aos fins de tarde, a chaleira estava em cima dos bicos de gás e numa travessa havia bolachas digestivas com pedaços de queijo tipo «Cheddar», uma tigela para mim e uma chávena para ele, açúcar, uma garrafa de whisky de malte, um jarro de água e dois copos. Sempre me acalmava, nas minhas visitas de fim de tarde, se eu *notasse* os objectos. Não gostava de visitar DWW nos fins de dia. Estragava a sua vida privada, ou, pelo menos eu assim pensava. DWW estava num estado misto, não decidido. Estava simultaneamente excitado e preocupado. Bebia um whisky muito diluído. Sempre considerei isso um ultraje bárbaro ao bom whisky

vintage de malte. Argumentava que, diluído em água, o whisky agia mais rapidamente. DWW, que eu soubesse, só tomava whisky quando as dores da angina de peito começavam ou quando estava a recuperar de um ataque de angina. Tentando que a visita fosse breve, em especial por sua causa, perguntei: «Tem a ver com os Veroniques?». Tínhamos começado a chamar ao trio Veronique, Papá e Mamã pelo nome colectivo. «Sim e não». DWW lá chegaria, a seu tempo e à sua maneira. Perguntou-me: «Teve tempo para dar uma vista de olhos ao texto revisto, já dactilografado, do capítulo X? Até Mrs. Colling já começa a estar farta de o bater tantas vezes. Parece que não consigo fazer a distinção entre fantasia e fantasiar, segundo me dizem». Estava um pouco zangado com DWW. «Porque é que lhes pede a opinião? Nunca os levo a sério». «Isso não é justo Khan. Levo em consideração o que dizem. Mas tem razão, não o devo mostrar a tantas pessoas. Mas então dizem mal de si; que me está a impedir de me dar com eles». «Importa-lhe o que eles dizem, DWW? Para mim não faz diferença». «Faz sim, Khan. Tenho medo que lhe façam mal quando eu já cá não estiver». «Já falámos disso uma centena de vezes, DWW. *Laissez aller!* Se me aborrecerem demais posso ir para Paris. De qualquer forma, Miss Freud ainda está muito firme e saudável por cá. Portanto, não se preocupe». Sabia que estávamos apenas a falar para nos descontraírmos, até que DWW estivesse pronto para me dizer o que queria, e como o queria. Preparou para si outra chávena de chá, outro dos seus hábitos bárbaros, misturar chá com whisky de malte. Sentou-se para trás, inclinado, na cadeira giratória de Mrs. Coles. Manter-se-ia constantemente em movimento, girando de um lado para o outro e para trás. Tinha sempre medo que balouçasse demais e caísse. DWW ainda se comportava como se fosse o jovem e ágil atleta de 1914, treinando para as corridas longas. Acalmou

até parar. «Vi Sua Senhoria esta tarde. Eles tinham acabado de voltar de Paris». «Quantos eram hoje os «eles», DWW?». «Os mesmos: Veronique, o Papá e Sua Senhoria. Sua Senhoria veio sózinha. Disse que Veronique gostava de estar em Paris. Esqueci-me: trouxeram com eles, a tia de Veronique que está doente. Agora, isto é que é bizarro. Espere até o ouvir, Khan. Sua Senhoria está *grávida*. Foi exactamente isto que ela me disse, 'Estou grávida, Dr. Winnicott', ainda nem tirara o casaco de peles. Por vezes é directa como os americanos. Que situação detestável». DWW mudou de assunto: «Acha que esta versão revista é melhor, Khan?». «Certamente que não! Quem é que lhe disse para meter uma pitada de material clínico? Em primeiro lugar, não cabe no argumento; em segundo lugar, é demasiado fraco e posto de forma casual». «Bom, agora reescreva-o. Para mim chega, Khan. Falemos de Sua Senhoria. Não tinha compreendido que só tinha 35 anos. Ainda a não tinha visto a sós. É mais viva e francesa quando está sózinha. Na companhia do marido e/ou da filha desempenha o papel de uma britânica de província. Porque é que estes estrangeiros nos macaqueiam?». «Estes estrangeiros, DWW? Eu também o sou e não macaqueio. O problema, DWW, é que vocês ingleses não gostam que os estrangeiros se conformem com os vossos procedimentos». «Não! Não! Isso não é democrático». «Mas encorajam -nos a que vos macaqueiem». «Sua Senhoria estava muito excitada com a ideia de terem um filho. Tem a certeza que vai ser um filho». Não comentei. «Julgo que lhe fará bem estar grávida e criar um filho. Ela era muito nova quando concebeu Veronique e estava demasiado ocupada a aprender a ser esposa de um rico proprietário rural. É espantoso o que uma mulher pode lucrar ao criar o seu próprio filho». Estava a ficar aborrecido com a aclamação eufórica que DWW fazia à nova aventura de Sua Senhoria. «Diz que Sua Senhoria *lucrará* com

isso?». «Sim, lucro, Khan, lucro com isso. Não concorda?». «Não, DWW. Eu sei que *lucro* é um respeitável conceito da burguesia inglesa, esvaziado pelo seu uso ao longo dos séculos, mas Sua Senhoria não é inglesa. É francesa: temperamental, altamente intelectual e cheia de truques. Não vai manter a gravidez até ao parto, DWW». «O que é que o leva a pensar que irá perder esta gravidez?». «Não sei. Pressinto que a não quer. Ao engravidar já deve ter obtido o que queria». «E o que era isso, Khan?». «Fazer Veronique sentir que está a *faltar* como filha. Um filho completará a equação para Sua Senhoria. Depois, porque hoje nos seus círculos sociais, ela é *notícia*. Não o será daqui a quatro semanas. A novidade de vir a ser mãe cederá à chatice de ser uma fêmea *pranhe*». «Você consegue mesmo dar cabo de uma pessoa quando não gosta dela, Khan!». «Não é que eu não goste de Sua Senhoria. É que não posso confiar nela. Você pode. É-lhe bemvindo». «Mas você fica com a Veronique?». «Sim, DWW! Você e Sua Senhoria deixaram-me sem alternativa. Eu proporcionarei a *cobertura* de Veronique se você tiver a bondade de a ver de tempos a tempos. E não a mandar para Clínicas ou para terapias. Por enquanto não! Combinado?». Parti. Enquanto conduzia, a caminho de casa, reparei que DWW aceitara os meus termos demasiado rapidamente porque eles eram, afinal, os seus próprios termos. A velha raposa, afinal, sempre se preocupava com cada um e todos que via em consulta. Se exigia muito dos outros, pacientes incluídos, dava mais de si próprio à *situação* do que qualquer um de nós jamais dera ou daria. Quando cheguei a casa, a minha mulher disse-me que Veronique telefonara para me dizer que, «A mãe está grávida». Minha mulher disse-o numa voz de felicidade, trocista. Perguntei-lhe se achava que Veronique estava a falar a sério. Disse: «Sem dúvida. Por favor telefona-lhe amanhã». A Primavera já chegou, pensei. Bas-

tante paradoxalmente, sem saber o que fazer com a *situação total*.

O que iria suceder nas semanas que se seguiram, não podia ter sido previsto por nenhum de *nós*. Por *nós*, quero dizer Sua Senhoria (daqui em diante com letras maiúsculas. *Tout jours!*), DWW, Veronique, Papá e Khan. As coisas tomaram um rumo, ou ditaram-no. Mesmo uma década ou mais depois, ainda não consigo saber se Sua Senhoria foi a autora dos acontecimentos, a vítima deles, ou meramente um inesperado, se bem que muito conhecedor, agente do primeiro acontecimento. Tiro esta noção de *acontecimento* do «Theatre of Happening» e do seu ramo, o «theatre of happening».

Telefonei a Veronique tal como minha mulher lhe prometera que eu faria. A minha mulher não me disse nada mais do que aquilo que referi lá atrás. Quando recebia um telefonema de um «doente» ou de um colega, o que era raro, dizia apenas o mínimo a ele/ela ou a mim. Veronique estava radiante. Claramente maníaca. «*A mãe está grávida*». Risinhos abafados na sua voz. «Isso mantêm-nos ocupados, a todos, no próximo ano. Não irei à Sardenha. Nem visitas (os longos, longos fins de semana) para o Papá, em Barcelona». Sem o fazer ostensivamente deixei cair a seguinte pergunta: «E a sua mãe, Veronique?». «A mãe estará ocupada a destinar trabalhos para todos nós. Os que estiverem ao pé, ou ao seu alcance. Sim, o Dr. Winnicott é o primeiro da lista. Não, o quarto. O primeiro é o Papá, depois o nosso mordomo irlandês, Mac [de Mac Coy], depois eu, Veronique, e depois o Dr. Winnicott. A mãe já falou com ele, ao telefone, duas vezes». «O Dr. Winnicott gosta que lhe telefonem e de falar ao telefone?». «Deve gostar. Já devem estar a falar há meia hora. Também, ainda são só 9 e 15 h.». «Não, realmente não, Veronique», tento corrigi-la para a acalmar um pouco. Veronique estava audivelmente demasiado excitada. «O Dr. Winnicott não gosta de falar

ao telefone. Suporta-o alegremente. Bastante convidativamente também! Aí tem a razão. Agora ouça-me, Veronique. Eu estou fora deste «acontecimento». Vamos baptizá-lo *A mãe está grávida*». Veronique tornou a fazer risinhos ao telefone. «Sim, Senhor». Ela ainda não sabia como devia de se me dirigir. «Ouça! Estou, como lhe disse, no limite, no mais afastado limite do acontecimento e aí irei permanecer. Não mais longe, mas não mais perto. De forma que facilmente me possa contactar. Bom, eu vou sair nos dois próximos fins de semana, da noite de quinta até segunda-feira». «Sabia do próximo fim-de-semana. O Papá disse-me. Ele também vai. A Barcelona, quero dizer. Só que ele vai ver e o Senhor vai jogar. Boa sorte! Vai jogar contra a equipa britânica. Tenha pena deles! Não temos rematadores esquerdinos. Especialmente do lado interno do ataque. Vai ganhar facilmente». «Primeiro não é a *minha* equipa, Veronique. Sou apenas um dos quatro. Se a equipa ganhar será por causa dos outros três: o alemão, o espanhol e o argentino. São jogadores mais experientes que eu e melhor preparados, por treinarem diariamente. De qualquer forma, é um jogo amigável para fins de caridade! Não é de competição». «Espero que os vossos cavalos não fiquem coxos com o chão duro de Barcelona. O Papá diz que é o último jogo da época. Não era a favor da sua realização, mas acedeu. O Papá cede sempre à opinião da maioria. Disse-me que o solo ali não é favorável aos cavalos criados em Inglaterra. Dois dos seus são argentinos. Estou certa?». «Sim, Veronique! Bom, no fim-de-semana seguinte estarei em Genebra. Não creio que precise de mim, mas se precisar, telefone para aqui e dir-lhe-ão onde me pode encontrar. Não sei ainda com quem é que irei ficar em Barcelona e em Genebra. De qualquer forma, o Dr. Winnicott estará cá e completamente disponível». «Tal como o Papá! De qualquer forma podia pedir à sua secretária que telefonasse à directora da minha escola para lhe dizer, da sua parte,

que não tem que verificar a todas as horas aquilo que comi? Ou melhor, o que não comi... hoje... até agora». Veronique disse *ou melhor, não comido, hoje e até agora*, num tom trocista, bem inglês. Podia sentir que se estava a divertir. No momento, como diria Veronique.

Na terceira semana recebi uma carta de Veronique. Estava escrita com clareza. Dizia sucintamente:

«Contente por a sua equipa ter empatado em Barcelona; para mim é sempre o melhor resultado. Estou bem. Obrigada pela sua carta à directora. As nossas notícias. Agora a mãe quer matar a gravidez. O Papá e eu queremos vê-lo o mais depressa possível. Todos temos telefonado ao Dr. Winnicott. Até o Papá».

Indiquei-lhes uma data e recebi ambos na minha sala de estar. Decidi-me tornar aquilo um encontro social. Reparei que Veronique tinha um ligeiro toque, ou melhor, uma sugestão de cor nas suas bochechas. O Papá parecia preocupado e cansado. Chegaram às 11 horas. Ofereci ao Papá um *sherry*. Veronique interveio: «O Papá já gosta mais de *champagne* a esta hora». Calmamente o Papá tentou silenciar Veronique «Queres calar-te? Eu não sou um snob». Toquei a campainha chamando a minha secretária para que trouxesse uma garrafa de *champagne* gelado e três copos. Veronique estava a brincar e disse: «Está tudo resolvido. A mãe fará a operação este fim-de-semana. Boa viagem...». O Papá interveio com um «Cala-te. Não tem graça». Depois, virou-se para mim e perguntou-me: «Tem estado em contacto com o Dr. Winnicott?». Respondi: «Não. Desde há quinze dias, mais ou menos. Vou telefonar-lhe, hoje, pelas 20,30. É bastante desencorajante que Sua Senhoria decidiu interromper a gravidez». «Então a Veronique disse-lhe. Não tem graça nenhuma. Ambas pensam que sim. Será assunto das notícias. Nos jornais. Que motivos poderei alegar?». «Diga-lhes, querido Papá: o mor-

domo pensou que seria demasiado trabalho extra. Por isso, Sua Senhoria decidiu pôr-lhe termo». Repreendi Veronique: «Não se esqueça que o Papá tem mais a ver com isto do que a família dele e os amigos». Perguntei ao Papá: «Há alguma forma de eu poder ajudar?». «Sim, por favor ajude-me a redigir um comunicado para a imprensa». Discutimos várias formas. Aconselhei contra a adição de «psiquiátrico» após «médico». O Papá achou que era uma boa ideia. No final ficou assim: «Por conselho médico e fragilidade da sua condição física foi decidido, por ambas as partes pôr termo à gravidez». Chamei a minha secretária e pedi-lhe que ligasse ao Dr. Winnicott quando tivesse acabado de dactilografar o comunicado. Ela fê-lo. DWW já sabia que Veronique e o Papá me iam ver naquela manhã. Perguntou-me: «O que lhe parece isto tudo, Khan?». Disse-lhe que, no momento, tudo o que lhe podia transmitir era a curta declaração que o Papá e eu tínhamos preparado para a Imprensa. Li-lha. DWW ficou em silêncio. Depois disse: «Muito habilidosa. Muito, Khan. Boa sorte. É pena que ele tivesse sido arrastado para ela. Até logo à noite».

Pouco havia que pudessemos fazer para além de esperarmos pelos acontecimentos. Quer o Papá, quer DWW, estavam profundamente magoados. Pensavam que se tratava de um erro horrível. Eu pensava que era meramente escandaloso, nada mais. A longo prazo todos ficariam contentes e aliviados, porque *ele* viera só algumas semanas e fôra destruído! Foi o que disse DWW quando com ele me encontrei nessa noite. Também adiantei como, desde o momento em que Sua Senhoria tirara Veronique da Clínica e a levava com ela para Paris, ninguém mais falara dos problemas das recusas escolares ou alimentares de Veronique. Apenas com uma excepção, a da própria Veronique ao telefone, quando me pediu que escrevesse à directora.

DWW suportou o maior peso das consultas e dos aconselhamentos aos Veroniques.

Nós, DWW e eu, concordáramos que tal deveria ser assim até ao Natal. DWW era um clínico de grande reputação e autoridade e com vastas ligações no mundo médico. O meu papel cingia-se a falar com Veronique e o Papá. Durante as três últimas semanas, das quais Sua Senhoria passara duas numa casa de repouso junto à mansão, vira DWW quatro vezes e telefonara muitas mais do que aquelas que recordo. Veronique e o Papá só me tinham telefonado duas vezes e isso para pedir conselhos práticos. Eu tinha uma considerável influência na imprensa, o que fazia muito geito ao Papá, que constituía notícia. Durante todo o tempo tive bem presente que os Veroniques tinham varrido para debaixo do tapete (e DWW parecia ter-se-lhes juntado nisso):

1. A hospitalização de Veronique por recusar alimento e o estudo. Só porque não cristalizara a 'doença' na sua forma adequada (o que quer que isso signifique), também a sua 'hospitalização' não era *adequada*. A Clínica particular era um agradável local na província: para tréguas, ideal! Mas não para terapia.
2. O «eu quase me afoguei na Sardenha» não fôra mencionado, excepto uma vez pela Veronique no nosso primeiro encontro. A esse propósito achava que DWW e o Papá se mantinham curiosamente silenciosos. Não perguntei. Eu tinha a certeza de que havia mais, muito mais do que um simples 'acidente'. DWW já tinha bastante trabalho com os Veroniques. Não lhe queria causar mais cansaço com a minha curiosidade e as minhas conjecturas. Estava também seguro que DWW falaria disso *um dia*, talvez quando *chegasse a Primavera*.

Todos os acontecimentos absurdos do ano que se seguiu à declaração de Sua Senhoria a DWW, «Estou grávida», nem me interessavam nem me divertiam. A minha pequena preocupação era conseguir que Veronique e o Papá tivessem um agradável

Natal em família. Significava muito para ambos e para os dois filhos. Sabia que o filho da Sardenha e a mulher viriam de avião, para o Natal, por causa da «indisposição» de Sua Senhoria — expressão da família para o caso. Mas muito mais importante do que qualquer coisa referente aos Veroniques, era a minha forte decisão de que DWW tivesse um Natal pacífico na companhia das suas irmãs. DWW era uma pessoa difícil de ajudar. Não podia suportar o depender de qualquer pessoa; excepção feita às irmãs!

Não me surpreendeu que Sua Senhoria atravessasse a sua «hospitalização» nobre e resolutamente; tenho de a louvar neste aspecto. Mas isto não mudou a minha convicção de que ela eventualmente «caíria». O que me *surpreendeu* foi a forma como DWW se juntou ao estilo dos Veroniques. A velha raposa tinha qualquer estratégia na manga. Mantive-me tranquilamente a observar todas as charadas e parti com minha mulher para Paris, afim de passarmos ali o Natal com alguns amigos. Para mim, o Natal é um acontecimento não social tremendamente maçador, quando passado em Londres! Não posso ser cúmplice das sazonais amenidades das famílias inglesas que, durante o resto do ano, nem se levantam para se cumprimentarem uns aos outros. Todas as culturas têm as suas hipocrisias mas os britânicos estão admiravelmente apetrechados.

Uma pequena carta de DWW aguardava-me no meu regresso de Paris, pedindo-me que lhe telefonasse para o sítio no campo onde passava o Natal. Assim Fiz. Disse-me que a mãe de Veronique atravessava uma ligeira depressão. Acrescentou, rapidamente, que isso era de esperar. «Claro, DWW, acontece e sempre como você o prepara!». «Agora, Khan, eu prometi ao pai de Veronique que você lhe telefonava assim que regressasse. Eu devo voltar pelo Ano Novo. Feliz Ano Novo!». «Para si também, DWW».

Telefonei ao Papá e vi-o nessa mesma tarde. Tinha vindo sózinho com o acordo total de Veronique. Decidira qual o rumo a tomar para que Sua Senhoria recuperasse por completo. Era tão simples como mandá-la, nos meses de Inverno, com Veronique, o filho da Sardenha e sua mulher para fora, regressando na Páscoa. Perguntei-lhe: «Na Primavera?». Ele não se apercebeu! Deixei passar e cordialmente ouvi o seu plano e intenções. Segundo ele, todos estavam muito *felizes* com o plano. Os ingleses têm uma forma muito estranha de usar a palavra *feliz*; torna-se neutra nas suas bocas. Havia um problema, acrescentou nervosamente o Papá. Como «explicá-lo» à imprensa. A sua mulher detinha muitos lugares em organizações de caridade. Fui em seu socorro sugerindo o seguinte comunicado: «A Sra. X ficou profundamente perturbada pela interrupção da sua gravidez e partirá para o estrangeiro para descansar. Acompanham-na sua filha, seu filho e nora». Mais sugeri que o Papá não deveria «assinar» o comunicado, mas que ele deveria ser emitido pelo médico de Sua Senhoria. O Papá ficou francamente aliviado. Não queria mudar uma única palavra. Li-o ao telefone a DWW enquanto o Papá ainda estava comigo. Ouvi pensativamente e pediu-me que repetisse a leitura. Manteve-se silencioso, por um momento, e depois disse: «Muito bem, Khan! Matam-se os Veroniques. Obrigado por me salvar. Feliz Ano Novo para todos». Desligou. Os Veroniques partiram para a Sardenha escassos dias após o Ano Novo. Aqui termina a minha narrativa acerca deles.

O verdadeiro propósito ao escrever este capítulo é o de partilhar com o leitor as minhas experiências divertidas, embora muito duras, de «trabalhar com» DWW em casos vividos. Uma vez os Veroniques longe e no estrangeiro, continuei a encontrar o Papá em vários acontecimentos sociais e políticos tal como sucedera antes. DWW manteve-se propositadamente evasivo a res-

peito deles por umas três semanas. Então numa das visitas de domingo, ele disse calmamente: «Aquele sonho de Veronique é muito interessante, considerando tudo o que sucedeu». Sem descanso mexia e mudava papéis e estranhos escritos que tinha sobre a secretária. «Tomei nota dele não sei onde. De qualquer forma recordo-o. Sonhou que estava de pé a falar, bastante contente, com uns convidados quando viu a mãe sentada numa cadeira, bastante mais forte do que é na realidade e chorando. Sentiu-se muito preocupada e dirigia-se para ela quando acordou». «Quando e onde é que a Veronique teve esse sonho, DWW?». «Na Sardenha, claro está, e antes do seu acidente». «E não confiou em ninguém senão em si para falar disso?». «Não, não o creio». «Então quando é que ela lho contou?». «Muito apressadamente na primeira consulta, quando a mãe saíu para ir telefonar para uma organização qualquer». Fui sarcástico: «É muita generosidade da sua parte partilhá-lo hoje comigo, quando os Veroniques estão definitivamente fora do caminho, DWW. Se fôr esse o seu desejo, vamos hoje trabalhar nos textos finais do seu livro *Playing and Reality*. Gosto do título que lhe deu, embora dele não resulte claro que o livro seja sobre a sua *brincadeira*, DWW, com a *realidade* deles». Riu-se. Trabalhámos no texto que ficou pronto para seguir para o editor na terça feira seguinte. Mrs. Coles teve de reescrever muitas páginas. Era sempre assim com DWW. Revisões maciças de última hora. Tinha-se, literalmente, que lhe arrancar os textos das mãos e dizer «acabou agora», para que ele parasse. Também eu ia manter DWW à espera para me dizer, quando eu quisesse. Brincávamos a estes jogos infantis a toda a hora. É raro encontrarmos uma personalidade com a estatura de DWW, de maturidade tão idosa, e conseguir achar nela tanta espontânea alegria em reciprocidade. DWW era um quarto de século mais velho que eu. Mas já tinha reparado que os ingleses têm um verdadeiro

talento para afastar tais amizades com gerações mais jovens, com o afecto e a cerimónia exactos. Eu fui sempre Khan para ele e para mim ele era, em privado, DWW e, em público, o Dr. Winnicott.

«Khan, o que eu não entendo no sonho de Veronique, é porque é que ela o sonhou. Não é um sonho». Espicacei DWW: «Tem a certeza disso?». «Sim, a certeza absoluta». Compreendendo que eu me estava a meter consigo, tornou-se defensivo. «Diga-me, letrado Khan, onde estão nele os aspectos próprios do sonho? Há pouca imaginação na composição deste sonho». Como eu estava a tomar rapidamente notas (tomar notas tornava-nos mais seguramente fechados em nós próprios e um com o outro), deve ter pensado que o não ouvira. «Está bem, ponha isso à sua maneira, há um processo primário muito escasso. Pouco trabalho do sonho (significando a distorção do sonho). Está pouco reprimido ou trai o facto de algum material estar igualmente incrustado em detalhes igualmente inócuos. O sonho, Khan, é um comunicado. Sim, tão simples como isso. Por isso, porque é que o sonha? Podia tê-lo dito a si mesma». «Assim mesmo, DWW?». «Sim, Khan, tal qual. As pessoas gostam de sonhar! Isto não é novidade para mim. Já vi mais de 7000 crianças em consulta. Algumas entram a sonhar e voltam para casa a sonhar. Então, o trabalho clínico é o de não perturbar o seu sonho. Não o de dar as *suas* interpretações». DWW salientara as *suas* de uma forma estranha. Qualquer coisa o perturbava. Estranho o número de fantasmas que este sábio clínico guardava dentro de si, como seus juízes: Melanie Klein, Ernest Jones (que ensinava acerca do sonho na Sociedade Britânica quando DWW foi candidato, há uns 36 anos atrás) e até Miss Anna Freud. Eram capazes de o fazer descarrilar na sua linha de pensamento da forma mais ridícula. Testemunhara-o eu, durante os Encontros Científicos na Socie-

dade. Não Jones, claro; não me recordo dele ter ido ouvir uma única comunicação de DWW. Eu queria que DWW prosseguisse nos seus «pensamentos» acerca de Veronique sonhando o sonho, por isso disse: «Voltando ao sonho de Veronique». Mas DWW não desistia: «Veja, Khan, eu tive este problema com os sonhos desde os tempos em que estava a fazer didáctica com James Strachey. Nunca fiz análise com Mrs Klein. Não posso dizer que tenha feito análise com Joan Rivière; é, no entanto, verdade que ela me analisou durante uns dez anos. E continuava a analisar-me durante os debates dos Encontros Científicos». Mantive-me calado e deixei-o descarregar e livrar-se de todas as memórias que o perturbavam. Frequentemente picava-o dizendo: «Sabe, DWW, você tem uma coisa em comum com Freud, que *a* tinha com o Príncipe Hamlet...». «Que coisa?», perguntava-me sempre. «Você, Freud e Hamlet podiam viver felizes numa casca de ovo se não tivessem maus sonhos». «Voltemos ao sonho que Veronique podia ter pensado para si própria, acordada». Notei a forma como DWW usara as palavras. Era nestes aspectos que mostrava a sua verdadeira genialidade. Mas DWW tinha primeiro que marcar pontos. «Você veja, Khan, eu também posso identificar os seus temas freudianos no sonho. Um, Veronique está a exhibir a sua supremacia sobre a mãe, que envelhece e engorda; está a conversar com os convidados, sucedeu-lhe. Dois, a mãe é «gorda», não é já uma mulher que possa competir com uma jovem pelo interesse dos homens. Temas edipianos de rivalidade sexual. Três, culpa expressa em preocupações. Mas ela acorda. Incapacidade de odiar. Falha na posição depressiva de Mrs. Klein, em Veronique. Concorda com tudo isto, Khan?». «Sim, DWW. Só que eu não pensara no sonho de Veronique nesses termos». «Porquê não? Não há nada de mal na técnica clássica». «A resposta ao seu ‘porque não’, DWW, é porque Veronique não me contou o sonho. Pensei mais pelo

ângulo de que Veronique escondera consigo qualquer coisa pertencendo, ou relacionada, com a mãe, e que manteve cuidadosamente escondida de mim até ela estar fora do caminho e no estrangeiro. Você protege mesmo os seus casos». «Não é isso, Khan. Tudo o que eu disse do sonho ser edipiano, etc., pode ser verdade mas é irrelevante para o significado e o fim do sonho». «Então qual é o fim, DWW?». «Simplesmente que o sonho é sobre o ódio reprimido (inconsciente) da mãe pela filha, e não no nível sexual, e nem ela nem a filha o podiam suportar. Compreende-me? Veja, a mãe não está a chorar por rivalidade ou angústia. Mas por incapacidade. Ou talvez pela sua incapacidade». «Então qual é o desejo latente do sonho, DWW?». «Simplesmente isto: o desejo de Veronique de salvar a mãe da sua incapacidade de odiar a filha! Ela foi sonhar um sonho que a mãe devia ter tido quando estava grávida de Veronique. Não o sonhou. Pelo menos não creio que o tenha feito. Assim, quer ela quer Veronique ficam potencialmente doentes e demorarão ainda algum tempo até adoecer. Veja Khan, a prova de que uma pessoa, ou um doente, sonhou um sonho não é o lembrar-se posteriormente dele. Vi pessoas adoecerem aos 60 anos de idade, e mais, por causa de um sonho que tinham sonhado na puberdade ou na infância e que não conseguiram recordar! O único aspecto positivo no sonho é que Veronique acorde antes de chegar à mãe. Recusa ser a guardiã do ódio reprimido da mãe. As crianças passam a vida a fazer isso. Quando um dos factos não-externos entram nos seus sonhos, acordam. Não querem nada com ele».

Agora quero partilhar com os meus leitores a minha resposta ao sonho ouvido em segunda mão, via DWW. Quando acabou de dizer o que queria, passámos a outros assuntos, em especial aos que referiam os seus escritos e a sua publicação. DWW tinha um sentimento de urgência naquele ano de 1970, sobre o ter, tanto quanto possível, os

seus «esboços», notas manuscritas, etc., editados em conjunto comigo. Já fizera isso antes, há uns 37 anos. Para e com o meu pai, Khan Bahadur Raja Fazalad Khan, durante o seu último ano de vida. Ajudara-o disciplinadamente a preparar as suas vastas propriedades e a distribuí-las entre os seus oito filhos e duas mulheres, conforme o seu desejo. Ele sabia que o seu fim chegara, e com tranquilidade e alegria aceitava o facto. Tivera uma boa vida durante 93 anos. DWW só tinha 70, mas vinha sendo seriamente afectado por ataques de coração desde 1950. Sim! Ele era uma pessoa realizada e completa à medida que percorria o seu caminho até ao fim. Isso causava tristeza a todos e a cada um de nós que o amávamos. Eu não era o único. Era um de um grande grupo. Tinha sido o mesmo no feliz final de meu pai. Dificilmente, em muitos aspectos, duas pessoas podem ser mais diferentes do que o foram meu pai e DWW. Mas, tinham isto em comum: uma inexaurível energia para viver; uma infatigável capacidade para trabalhar; um compromisso total nos cuidados a prestar e no bem estar dos outros.

Cada um deles, sem disso se aperceber, era brutalmente exigente com aquele ou aqueles a quem respeitavam e/ou por quem tinham afecto. Por isso chegara à nossa relação, bem preparado por dezanove anos de aprendizagem resmungona e amorosa com o meu pai. Eu estava ciente da *correspondência*. Assim estava DWW. E nunca dissemos uma palavra sobre isso um ao outro. Os observadores da profissão tinham as suas próprias versões interpretativas para intrigarem e espalharem ao redor. Mas voltamos ao que eu «pensei» sobre o sonho de Veronique. Mantive as notas das minhas reflexões. Sentia que DWW e eu próprio tínhamos falta de tempo e, por isso, não surgiu a minha vez de lhe dizer o que pensava. O importante era ter ouvido DWW. A minha primeira resposta ao sonho foi: tendo sonhado este sonho, onde residia a

necessidade de Veronique engendrar o acontecimento «Quase que me afoguei na Sardenha»?

Pensei, tal como DWW, que curto-circuitar a experiência do sonho era auto-conservador, mas por razões diferentes das dele. Para mim significava ter um outro sonho, desta feita não uma *criação* de Veronique; só possível de ser feito por ela. As suas duas declarações «Quase que me afoguei na Sardenha» e «O Papá quase desmaiou», vi como sendo partes da mesma «experiência-sonhando» (Khan, 1976), mas fragmentadas e espalhadas ao longo do tempo. Para mim, o acidente-sonhando anulava as obrigações e preocupações de «mãe... mais

gorda que o habitual». Assegurava-lhe o direito a viver pois que a própria vida se lhe oferecia. E a maior parte dessa nova vida, para Veronique, era o *Papá*. Precisava dele para o sublinhar. Aqui cada gesto *actual*, ancorado à realidade, cada acto, cada palavra é simultaneamente *simbólico* e *imaginário*, no idioma da linguística moderna. Lacan (1966) deu-nos a sua gramática sob cuidadosa mistificação. O que sucedeu desde o sonho «mãe» e «Eu quase que me afoguei» confirma, pelo menos para mim, as minhas inferências. Nas duas outras vezes que estive com Veronique, depois dela voltar a Inglaterra, *esqueci*, com uma desejada facilidade, tudo referente a estes assuntos e nunca sequer os sugeri.